

Freguesia é o nome que tem, em Portugal e no antigo Império Português, as menores divisões administrativas. Trata-se de subdivisões dos concelhos e são obrigatórias, no sentido de que todos os concelhos têm pelo menos uma freguesia (cujo território, nesse caso, coincide com o do concelho), excepto o de Vila do Corvo onde, por força do artigo 86º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores, essa divisão territorial não existe.

Esta freguesia é governada por uma junta de freguesia, um órgão executivo que é eleito pelos membros da respectiva assembleia de freguesia, à excepção do presidente, (o primeiro candidato da lista mais votada é automaticamente nomeado *Presidente da Junta de Freguesia*). A *Assembleia de Freguesia* é um órgão eleito directamente pelos cidadãos recenseados no território da freguesia, segundo o método de Hondt, através de listas que tradicionalmente são partidárias mas que se abriram há poucos anos a listas de independentes.

Em Portugal existem 4257 freguesias, com territórios que podem ultrapassar os 100 km² ou ser de apenas alguns hectares, e populações que vão das dezenas às dezenas de milhares de habitantes. É aos municípios que cabe propor a criação de novas freguesias no seu território, que devem obedecer a um conjunto de critérios fixados em lei. Se descontarmos o caso especial do Corvo (Açores), o mínimo de freguesias por concelho é de uma (actualmente há em Portugal 5 concelhos só com uma freguesia (Alpiarça, Barrancos, Porto Santo, São Brás de Alportel e São João da Madeira, isto depois da divisão da única freguesia do Entroncamento em duas) e o máximo, neste momento, é de 89 (em Barcelos).

As autoridades portuguesas estabelecem três tipos diferentes de freguesias, para efeitos de ordenamento do território:

- freguesias urbanas - freguesias que possuem densidade populacional superior a 500 h/km² ou que integrem um lugar com população residente superior ou igual a 5 000 habitantes.
- Freguesias semi-urbanas - freguesias não urbanas que possuem densidade populacional superior a 100 h/km² e inferior ou igual a 500 h/km², ou que integrem um lugar com população residente superior ou igual a 2 000 habitantes e inferior a 5 000 habitantes
- freguesias rurais - as restantes.

As freguesias estão representadas nos órgãos municipais pelo presidente da Junta, que tem lugar, por inerência de cargo, na Assembleia Municipal.

As freguesias portuguesas são a representação civil das antigas Paróquias Católicas; surgiram muitas das vezes decalcadas das antigas unidades eclesiásticas medievais. Daí que, em tempos mais recuados, o termo «freguês» servisse para designar também os paroquianos, os quais eram «fregueses», por assim dizer, do pároco.

de autarquias territoriais

em Portugal como no Brasil, retém ainda

o significado de clientes de um estabelecimento comercial; cada cliente individualmente é chamado freguês.

O município (do latim *municipium* - Municipium

Um *municipium* era o segundo mais elevado grau atribuído a uma cidade da Roma Antiga, inferior, no entanto, ao estatuto de colônia. Para conseguir este estatuto, uma cidade deveria dispor de algumas infra-estruturas mínimas, como aquelas necessárias para o governo local.

O primeiro *municipium* foi Tusculum. Os cidadãos dos *municipia* (de primeira ordem) detinham inteira cidadania romana e direitos associados (*civitas optimo iure*), onde se incluía o direito de voto.

Uma segunda classe de *municipia* era tipicamente constituída directamente dos centros tribais mais importantes. Ao contrário dos ditos *de primeira ordem*, os residentes nestes municípios não eram cidadãos romanos "completos" (embora os seus magistrados ganhassem o estatuto aquando da sua reforma), mas partilhavam com os primeiros os deveres dessa cidadania em termos de obrigatoriedade de taxas e serviço militar. Mais especificamente, não tinham também o direito de voto (o derradeiro direito em Roma, e um claro sinal da totalidade dos direitos). Um *municipium* era governado por apenas um cônsul, eleito entre quatro oficiais, todos sob o governo central romano.

Olissipo, a actual Lisboa recebeu o status de *municipium* de Júlio César, por ter seu povo lutado ao lado das legiões romanas.

O único *municipium* em solo britânico (Britânia) foi St Albans, então designado Verulamium.

-, Antiga designação romana) ou concelho é uma entidade da divisão administrativa estatal (*divisão territorial de determinados países*). Trata-se de uma circunscrição territorial dotada de personalidade jurídica e com certa autonomia administrativa, constituindo-se de certos órgãos político-administrativos.

No caso do Brasil, o município é composto pela prefeitura e pela câmara municipal, sendo considerado um terceiro ente federativo; em Portugal, é composto pela Câmara Municipal, a Assembleia municipal e, facultativamente, pelo Conselho municipal. Já entre os antigos romanos, era a cidade que tinha o privilégio de governar-se segundo as suas próprias leis, porém, nem todos os habitantes possuíam os mesmos direitos.

Em geral, podem distinguir-se três tipos de municípios:

- Urbanos - municípios constituídos exclusivamente, ou quase, por território urbanizado;
- Rurais - municípios constituídos por um ou mais núcleos populacionais de pequenas dimensões e por território não urbanizado relativamente vasto;
- Mistos - municípios que compreendem quantidades significativas quer de território urbano, quer de território rural.

ões de outros países (como alguns estados
estão separados por lei, constituindo

diferentes unidades administrativas. Noutros, como em Portugal, todos os
municípios são iguais perante a lei.

História da formação do município

Antes de se fazer qualquer comentário histórico é necessário compreender a
dinâmica do comportamento sociológico de nossa espécie. É possível que a
organização do poder local tenha a ver com a própria genética humana, apesar das
diferentes formas em que as sociedades se organizaram nos últimos milénios
civilizatórios. A organização política e administrativa do poder local reflecte, sob
um certo aspecto, o espírito gregário e autóctone do género humano, cujos
indivíduos, desde os momentos pré-históricos, buscaram se associar entre si para
garantirem a própria sobrevivência no meio natural. A formação dos primeiros
grupos sociais permitiu posteriormente a repartição de funções administrativas
dos interesses colectivos dos núcleos familiares.

Com o advento da civilização, observou-se o aparecimento de diversas Cidades-
Estados. Não somente os gregos antigos, como também outros povos, criaram laços
fortes de identidade local, chegando a conferir o atributo de soberania às suas
comunas e indo além dos limites da mera autonomia administrativa. Aliás, a
própria formação originária do Estado na Antiguidade pode ser explicada pela
constituição espontânea da cidade primitiva, confundindo-se esta com aquele num
progressivo processo de multiplicação das necessidades sociais.

Apesar da gigantesca expansão imperial que atingiu três continentes, e
praticamente toda a bacia do Mediterrâneo, Roma teria preservado, por doze
séculos, as suas características básicas de Cidade-Estado, desde a sua fundação em
753 a.C. E, justamente para conseguir manter a paz sobre as regiões conquistadas,
a República Romana organizou as comunidades em *municipium* ou *municipia*,
conforme lecciona o mestre Hely Lopes Meirelles:

"Os vencidos ficaram sujeitos, desde a derrota, às imposições do Senado, mas, em
troca de sua sujeição e fiel obediência às leis romanas, a República lhes concedia
certas prerrogativas que variavam de simples direitos privados (*jus connubi*, *jus
commerci*, etc.) até o privilégio político de eleger os seus governantes e dirigir a
própria cidade (*jus suffragii*). As comunidades que auferiam essas vantagens eram
consideradas Municípios..." (MEIRELLES, Hely Lopes. *Direito Municipal
Brasileiro*. 10ª ed. São Paulo: Malheiros Editores, 1999. pág. 31)

Apesar do enfraquecimento da vida urbana ocorrida durante a Alta Idade Média,
em que os feudos tornaram-se as unidades políticas da Europa, é possível que um
resíduo das tradições institucionais romanas tenha sido mantido durante o longo
período de ruralização. Deve-se para tanto considerar a própria origem do nome
Município. Todavia, é preciso ponderar sobre a maneira distinta como se
reorganizou o poder local com o renascimento da actividade comercial a partir do
início do segundo milénio:

traram a tal ponto de, a partir do século
der de conceder õcartasõ garantindo aos

habitantes da cidade de seu domnio os mesmos direitos dos õburguesesõ e dos
õcidadãosõ. E a carta escrita, precisando direitos e atestando o reencontro com a
civilização. (...) Na Espanha e em Portugal, o sistema de õcartas de foralõ ainda
serviu para garantir a reocupação do território de onde era expulso o invasor
árabe e, mesmo depois da recuperação da península - Uma península, do latim
paene (quase) e insula (ilha), é uma formação geológica consistindo de uma
extensão de terra de uma região maior que é cercada de água por quase todos os
lados, com exceção do pedaço de terra que a liga com a região maior, chamado
istmo.

Por exemplo, diz-se *Península Ibérica* para designar a região constituída pela
Espanha e por Portugal, ligada à Europa pelos Pirinéus.

Também podemos dizer que uma península é um braço de terra que avança pelo
mar, ligando-se ao resto do continente pelo chamado istmo

- (1), ainda o regime foraleiro continuou como forma instituidora dos õconcelhosõ
locais." (GODOY, Mayr. *A Câmara Municipal: Manual do Vereador*. 2ª. ed. São
Paulo: Leud, 1989, pág. 7)

Em Portugal, as Ordenações ó Afonsinas, Manuelinas e Filipinas ó vieram
uniformizar e até mesmo restringir o poder local, estabelecendo as competências
dos Concelhos. Conforme se observa no livro I, título LXVI das Ordenações
Filipinas de 1595, os agentes reais receberam diversas atribuições, entre elas fazer
benfeitorias públicas como a construção de calçadas, pontes, fortes, poços e outras
obras de interesse da comunidade. Esse período de centralização administrativa e,
por consequência, do enfraquecimento do poder local, parece que acompanhou o
processo de surgimento dos Estados nacionais em quase toda a Europa do
Ocidente até o século XIX.

Já nas Américas, o poder local desempenhou com muita eficiência o processo
colonizador no que se refere à ocupação das terras e à fixação da população.
Nos séculos XIX e XX sucederam momentos de centralização e de descentralização
política nos países civilizados do Ocidente. Como consequência das revoluções
liberais houve períodos de maior autonomia do poder local. Entretanto, todo esse
processo sofreu lamentáveis recuos com a implantação dos regimes autoritários e
totalitários de ideologia nazi-fascista, o que pode ser observado através da leitura
das constituições dos países e das próprias necessidades de fortalecimento do poder
político central.

Na actualidade, entretanto, percebe-se no mundo uma preponderante tendência
em rumo à descentralização. Ainda que o poder local esteja organizado de
maneiras diferentes, com variadas designações, na prática as comunidades têm
exercido a autonomia político-administrativa nas regiões mais desenvolvidas
economicamente. Mesmo nos países de regime unitário, nota-se uma inclinação
descentralizadora no que se refere à competência sobre assuntos que envolvem o

de dos representantes da comuna.
aprovada em 1985 pelo Conselho da

Europa, considerou no seu preambulo a organização do poder local como um dos principais fundamentos de todo regime democrático. Segundo o seu artigo 1º, deve o princípio da autonomia local ser reconhecido pela legislação interna dos países membros e, tanto quanto possível, pelas suas constituições.

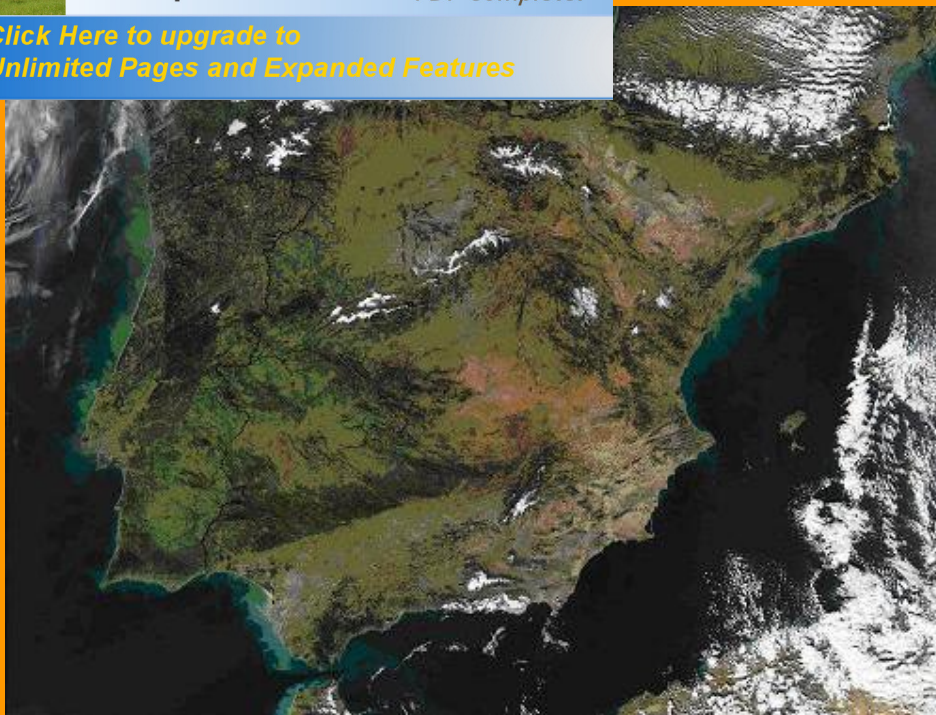
Nos Estados Unidos da América, berço do federalismo e da democracia contemporânea, não houve a constitucionalização do poder local. A Constituição de 1787, caracterizada como sintética, não cuidou de detalhar a maioria dos assuntos e conferiu ao Estado-membro o poder para tratar de suas questões internas. Por isso, encontra-se uma enorme variedade organizacional e administrativa nas comunidades norte-americanas, diversificando-se de Estado para Estado, sendo que, em alguns destes entes, também não há nenhuma uniformidade do poder local. Não obstante, o *local government* é marcado profundamente pela autonomia e pela participação democrática da população que se baseia em suas arraigadas tradições políticas.

Observa-se assim que, no século XX, houve uma tendência de valorização em vários países no sentido de assegurar constitucionalmente a sua autonomia com o provável objectivo de promover a democracia e a estabilidade política. A Constituição do México deu uma especial atenção aos municípios em seu artigo 115 ao lhes conferir personalidade jurídica. A Constituição espanhola de 1978, oposta ao regime fascista de Franco, garantiu a autonomia do poder local em seu artigo 140, apesar de ter condicionado a sua organização política à aprovação de uma lei do governo central.

Também seguindo as mesmas inspirações democráticas realizou a democrática Constituição portuguesa de 1976, ao conferir autonomia política às autarquias locais, através de seu artigo 235º, n.º 2: *As autarquias locais são pessoas colectivas territoriais dotadas de órgãos representativos, que visam a prossecução de interesses próprios das populações respectivas.*

As lideranças europeias actualmente têm entendido a importância de se promover nos centros urbanos mais povoados e nas zonas rurais uma democracia de proximidade capaz de reforçar a influência dos cidadãos sobre o seu quotidiano e nas actividades comunitárias. É o que se observa no início I do item 21 da Recomendação n.º 19 de 06 de Dezembro de 2001 do Comité de Ministros do Conselho da Europa: *“Criar, a nível infra-comunitário, órgãos eleitos ou compostos por eleitos, dotados de funções consultivas e de informação e, eventualmente, de poderes executivos delegados”*

Portanto, é mundial a tendência de descentralização administrativa-territorial, a qual vem se direccionando no sentido da democratização dos entes de Direito Público e da proximidade cada vez maior com o cidadão.

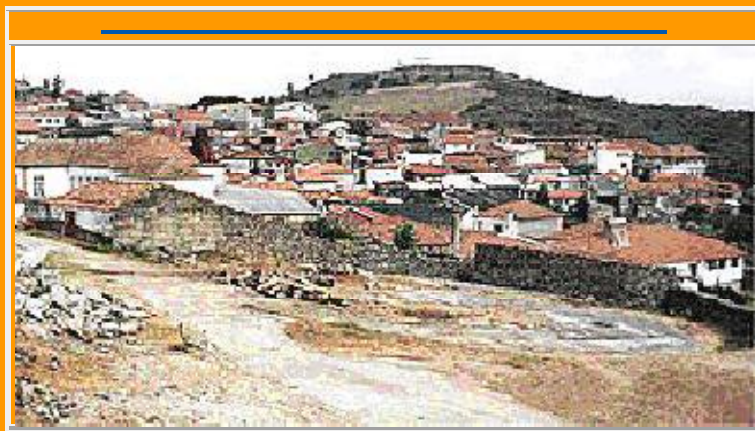


(1) A Península Ibérica

é geograficamente uma península na Europa localizada no sudoeste deste continente. Podemos localizar politicamente nesta península quatro países, Portugal,

Espanha, Andorra e Gibraltar. Este último é uma dependência da Grã-bretanha. Formando quase um trapézio, a Península liga-se ao continente europeu pelo istmo constituído pela cordilheira dos Pirinéus, sendo rodeada a norte, oeste e parte do sul pelo oceano Atlântico e a restante costa sul e leste pelo mar Mediterrâneo. O seu ponto mais ocidental é o Cabo da Roca e o mais oriental o Cabo de Creus. Com uma altitude média bastante elevada, apresenta predomínio de planaltos que estão rodeados de cadeias de montanhas e que são atravessados pelos principais rios. Os mais importantes são o rio Tejo, o rio Douro e o rio Guadiana, que têm a parte terminal do seu curso em Portugal, desaguando, tal como o rio Guadalquivir no oceano Atlântico, e o rio Ebro, que, por sua vez, desagua no mar Mediterrâneo. As elevações mais importantes são a Cordilheira Cantábrica, no Norte, a serra Nevada e a serra Morena, no Sul, e ainda a serra de Guadarrama, na Cordilheira Central, de que a serra da Estrela é o prolongamento ocidental. Densamente povoada no litoral, a Península Ibérica tem fraca densidade populacional nas regiões interiores. Excepção a esta regra é a região de Madrid, densamente povoada.

Santa Eugénia



Introdução



Falar de Santa Eugénia

Falar de Santa Eugénia, é deixarmo-nos envolver por um certo transe, deslizando a tinta ao sabor daquilo que nos ocorre no pensamento, é sentirmo-nos num espaço tão ínfimo, mas tão grande, tão nobre, que todas as palavras que se possam utilizar, é apenas um pouco daquilo que sentimos desta maravilhosa terra.

Freguesia com profundas raízes históricas, materializadas no belíssimo património cultural e na memória colectiva das suas gentes.

São múltiplas as potencialidade turísticas: a beleza natural das suas serras, as aprazíveis paisagens, o rio «Tinhela», a gastronomia e o património arqueológico, construído, etnográfico e artístico, constituem a identidade natural e cultural desta belíssima aldeia.

Orgulhamo-nos pois de expor e tornar acessível a todos, através desta nova forma de comunicar, os traços gerais que caracterizam esta terra «Transmontana». Quem nos visita pela primeira vez, dificilmente escapa ao desejo de visitar novamente este lugar deslumbrante.

Autor:

José Nogueira dos Reis

Agradecimento



Agradecimento

a população de Santa Eugénia, a mim próprio e

a meus tinos, tudo o que sou, tu e serei.

Não posso deixar de aqui fazer referência a um verso que escutei numa desgarrada ao «desafio» - O meu avô foi a semente e a minha avó foi a terra.

Historial

Historial de Santa Eugénia:

1- **Historial:** Santa Eugénia, situa-se a cerca de 15km. de uma das saídas da I.P.4-Pópulo.

Tem a área Aproximada de: 779 ha ó 7.79km²

As Freguesias limítrofes são: A Norte - Pegarinhos; A Sul - Carlão; A Este - Candedo (esta do concelho de Murça); A Oeste - Casas da Serra (lugar da freguesia de Carlão)

Orago: Santa Eugénia



TOPONIMO

Topónimo: Eugénia, de origem grega, significa Bem-vinda, Bem Aparecida, de Boa Linhagem

OS PRIMEIROS POVOS remontam ao período Megalítico; Comprova-o o facto de nas

Redondezas existirem ainda Pinturas Rupestres, Dólmenes e Antas; aqui segundo se

Conta uma pintura Rupestre foi destruída aquando da busca de Volfrâmio (contou-mo
variadíssimas vezes, Francisco Henrique, Francisco Henrique Novo e Artur Coelho dos

Reis. Prova-o também o seu culto de origem sueva. Da época Romana existe, em pleno estado de
conservação, uma «Fonte de Mergulho», aqui denominada «Fonte de Baixo».



FONTE DE
MERGULHO

LAJE DO CONCELHO

Marca de tempos remotos, estão, bem patentes, na «Laje do Concelho»

Laje do Concelho

Concelho - substantivo masculino.

Significa : Circunscrição administrativa;

Subdivisão de Distrito;

Município.

Latim É conciliu.

É precisamente da aceção Latina, que esta «Laje do Concelho», herdou o

nome. Era o local onde os «vizinhos» (antigo nome dado aos habitantes

bons), se reuniam em assembleia, quer para eleger os seus dignos representantes junto de entidades hierarquicamente superiores (exemplo: Nos órgãos concelhios), quer para resolver problemas respeitantes a si próprios e/ou à localidade. Servia também de «Tribunal Moral», isto é:

Ali eram publicamente denunciados os maus actos e seus praticantes. O malfeitor, ou se emendava, ou era simplesmente arredado do mais simples convívio com os vizinhos.

Por sorte do destino, tinha esta «LAJE do Concelho» uma outra função. Era precisamente o local de marcação limite, da altitude máxima permitida pelo Marquês de Pombal, para autorização de «benefício».

Esta mesma «Laje do Concelho», situa-se precisamente num dos extremos - início - da rua Marquês de Pombal. Coincidência ou propósito desta estranha relação, entre a «LAJE do Concelho» (um pouco abaixo dos 500 metros de altitude) e a rua «Marquês» de Pombal (autor da marcação da mais antiga região demarcada), com toda a modéstia, não o sei. Acho apenas uma coincidência demasiado coincidente.

Vou, para um melhor entendimento deste sítio, fazer uma retrospectiva histórica, de uma forma sucinta;

Pelouro É D.João I, por carta Régia de 13 de Junho de 1391, descreve as grandes tropelias que as eleições para os concelhos provocavam. Grandes Sayoarias e rogos, através das quais só se criavam grandes ódios entre os «vizinhos».

Na dita carta Régia determinava-se o 1º recenseamento eleitoral que Portugal teve. Nele se mandava que os oficiais do governo fizessem «róis». (...) o nome era escrito num papel separado e metido numa bola de cera, chamada pelouro. É daí o nome dos actuais pelouros das vereações. Eram estes, por sua vez, metidos numas caixas a que hoje damos o nome de urnas e então se chamavam «capelos».

Mas as queixas de fraudes eleitorais continuaram, pois, tem-se conhecimento de que esse problema foi posto também nas cortes de Évora de 1451. Outras dificuldades atravessou o processo de eleição dos «edís», e não menor foi a de em certos concelhos haver tantos indivíduos com privilégios religiosos ou dados pelo rei, que por eles se esquivavam os cargos para que eram eleitos. Estou absolutamente convencido, de que estas fraudes e problemas, sempre se mantiveram, mas, também, a necessidade dos «vizinhos» de beneficiar de um executivo local, que compreende os problemas da terra e dos homens do respectivo concelho.

Então, os caciques, ontem como hoje, procuram eternizar-se no poder. Uma das formas mais antigas de o fazer, era e é, amedrontar os mais necessitados. Para tal, é absolutamente necessário, exercer algum modo de pressão e/ou controle. A fórmula aqui encontrada (e não só aqui), era dar-lhe uma aparência «séria», fazendo eleições para escolha «livre?», pelo menos na aparência, mas de dedo no ar!!!. Porque assim, as pessoas de condição social inferior, com medo de represálias futuras,



INICIO DA RUA ONDE SE SITUA A LAJE DO cONCELHO

Cruzeiro



■
Pelourinho e
Sede da Junta de
Freguesia de Santa
Eugénia



celebridades

Figuras Ilustres, pré-25/4/1974:

José Cunha Cardoso



CASA DE SUA FAMILIA

Delegado de Saúde de Benguela), Homem de elevada filantropia, contribuiu para prolongar a vida de muitos habitantes desta freguesia.

Manuel José Guerra Santos Melo



ONDE NASCEU, CRESCER
HABITOU E BRINCOU
O MEU EX-SOGRO

Avô materno dos meus filhos Daniel e Micaela



CAPELA DE SUA
CASA

lica; Casa do Povo; Reparação da Capela de Santa Barbara, Igreja matriz, Cemitério, Escolas. Para além da água ser explorada numa sua propriedade, ainda hoje, quando existe escassez de água, a sua família põe uma torneira de água a correr para toda a povoação.

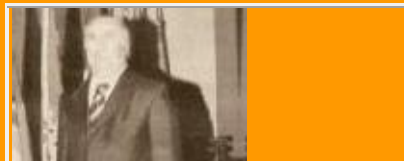
Professor Doutor Ernesto Morais

Natural da Freguesia de Pegarinhos adoptou esta Freguesia de Santa Eugénia através do matrimónio com a Digníssima Dona Maria da Hora Teixeira de Carvalho.

Foi grande Investigador, Cientista, Professor Catedrático e Director do Hospital Escolar de São João ó Porto. Foi talvez o principal responsável pela primeira grande exploração de água para servir a povoação.

Pós 25/4/1974:

Doutor António Alves Martinho



COMO GOVERNADOR CIVIL
DO DISTRITO DE VILA REAL

Deputado na Assembleia da República, em dois mandatos consecutivos. Grande defensor do «Douro» e principalmente dos durienses. Conhecedor das dificuldades destas terras, nunca se escusou a esforços, quer na defesa da melhoria das condições socio-económicas, quer na defesa dos seus mais elementares direitos. Enquanto deputado na Assembleia da República, fez várias visitas de trabalho à Casa do Douro, bateu-se galhardamente pela sua recuperação económica e pela recuperação da linha de orientação da sua origem, que era a defesa intransigente dos lavradores do douro, seus associados. Foi sempre defensor de uma forte representatividade dos pequenos e médios produtores do douro, nas instituições oficiais, e/ou representantes da «região». Na continuidade desta orientação de defesa, que sua Ex.^a, o senhor Doutor Martinho perfilhou, fez parte da Direcção da Adegas Cooperativas de Alijó.

na figura de elevadíssima vontade de igualdade de
acesso de todos à educação e à saúde - era o associativismo,
como forma aglutinadora do reunir das gentes, do reflectir, do ensinar, do aprender, do
divertimento sadio, do desenvolvimento harmonioso da pessoa humana e da maturidade
democrática adquirida na mais pura convivência. Assim sendo, pode dizer-se sem receio de qualquer
espécie de inverdade, que a ele se deve, a sede do «Grupo Desportivo Cultural e Recreativo de Santa
Eugénia. Obra que orgulha todos os concidadãos desta terra, da qual ele foi co-fundador e
Presidente vários anos. Foi sócio-fundador e presidente da Associação dos Amigos do Museu do
Douro. Actualmente - 2005 - é Governador Civil do Distrito de Vila Real. Em 2009 deixou o Governo
Civil e passou a ser o Presidente do Turismo do Douro.



DOUTOR ANTÓNIO ALVES MARTINHO

**GOVERNADOR CIVIL DO DISTRITO DE VILA
REAL**

A CAPITAL DO DISTRITO Ó VILA REAL -

**ENCONTRA-SE SITUADA A APROXIMADAMENTE
QUATROCENTOS E**

TROS DE ALTITUDE ó

ALTITUDE

**SENSIVELMENTE SEMELHANTE Á DA
FREGUESIA QUE O VIU NASCER,**

**SANTA EUGÉNIA - , SOBRE A MARGEM DIREITA
DO RIO CORGO,**

**AFLUENTE DO RIO DOURO. LOCALIZA-SE NUM
PLANALTO QUE TEM**

**EM REDOR MONTANHAS DE ALTITUDE
ACENTUADA, A SABER,**

**SERRA DO MARÃO E SERRA DO ALVÃO. O
CONCELHO MANTÉM**

**CARACTERÍSTICAS AGRÍCOLAS BEM
MARCADAS.**

**A PAISAGEM É COMPOSTA POR TRÊS (3) ZONAS
FUNDAMENTAIS, A**

SABER:

1 ó A ZONA FÉRTIL DA CAMPEÃ.

2 ó A ZONA MONTANHOSA OU ZONA DAS

**3 6 A SITUADA A SUL, COM CULTURAS
DURIENSES, EM QUE A**

**PRESENÇA DO RIO DOURO JÁ SE FAZ SENTIR DE
FORMA NOTÓRIA,**

QUER NAS CULTURAS, QUER NO CLIMA.

**A CIDADE CAPITAL DE DISTRITO, É BANHADA
POR DOIS (2), O CORGO**

E O SABOR.

**SUA SENHORIA O SENHOR DOUTOR ANTÓNIO
MARTINHO, TOMOU**

**POSSE NO DIA 05/04/2005, EM LISBOA E, A
CERIMÓNIA DE**

**APRESENTAÇÃO NA SEDE DO GOVERNO CIVIL,
ACONTECEU**

**ACOMPANHADA DE UMA SINGULAR CERIMÓNIA
DE APRESENTAÇÃO,**

A 08 DO MESMO MÊS.

AS COMPETÊNCIAS QUE A LEGISLAÇÃO

PODERES

**GOVERNADORES CIVIS, É,
FUNDAMENTALMENTE:**

**1 Ó REPRESENTAÇÃO DO GOVERNO DA
REPÚBLICA;**

2 Ó NA SEGURANÇA PÚBLICA;

3 Ó NA PROTECÇÃO CIVIL

**SEGUNDO AS PALAVRAS DIRIGIDAS AOS
PARTICIPANTES NA**

**CERIMÓNIA DE APRESENTAÇÃO Ó ACONTECIDA
DO EDIFÍCIO DO**

**GOVERNO CIVIL, A 08/04/2005 - , BEM COMO
DIVULGADA PELOS**

**MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, O SENHOR
DOUTOR EXPLANOU A**

**SUA PRÓPRIA INTERPRETAÇÃO DAQUELES
PODERES OU**

**COMPETÊNCIAS, COLOCANDO EM DESTAQUE
ALGUNS PONTOS.**

**QUE PARA SUA SENHORIA, A
SEGURANÇA E O BEMESTAR**

**DOS CIDADÃOS SÃO VALORES DE ENORMÍSSIMA
IMPORTÂNCIA, MARCADOS PELAS EXIGÊNCIAS
QUE O DIA A DIA**

ACARRETA.

**O SENHOR DOUTOR MARTINHO, É DEFENSOR
DA CHAMADA**

**SOLUÇÃO QUATRO (4), AFIRMANDO JÁ POR
VARIAS VEZES, QUE É A**

**SOLUÇÃO QUE MELHOR DEFENDE OS
INTERESSES DA REGIÃO E DOS**

CIDADÃOS.

Professor Manuel Adérito Figueira



Professor
Manuel
Adérito
Figueira
Vice-Presid
ente da
Câmara
Municipal de
Alijó, sendo
também
responsáve
l pelo
Pelouro das
Obras e
pela
Protecção
Civil.



Vice-Presidente e Vereador do Pelouro de Obras na Câmara Municipal de Alijó. Dotado de uma capacidade de trabalho em prol do bem público, fora do comum, defensor da cultura popular, suas tradições e festas, respeitador dos seus mitos e ritos, a ele se deve, entre muitas outras coisas, a continuidade da «NOSSA FESTA». Foi também Presidente da Assembleia-geral do Grupo Desportivo.

Sem prejuízo das outras terras, tem contribuído enquanto Vereador do Pelouro das Obras da C.M. de Alijó, para o desenvolvimento do património edificado e do bem-estar dos habitantes desta freguesia. A ele se deve ó em grande parte ó a continuidade da existência do Centro Social.

Fátima Henrique

Presidente

Presidente da Junta de Freguesia.

Fernando Martins

Secretário

Alzira Martins

Tesoureira

José dos Santos Varela

José dos Santos Varela, é para mim uma figura única e ímpar. Nascido há quase um século, teve o amor e inteligência suficientes para mandar «Formar» os seus quatro (4) filhos. Estes, por sua vez, prestaram a melhor vassalagem possível aos seus amados pais; como? Sendo todos detentores de uma cultura e Q.I. muito acima da média, e, tão ou mais digno do que isso, sendo todos possuidores de um espírito de solidariedade pouco comum, nos tempos que decorrem.

As Filhas, Dona Ester Varela e Dona Teresa Varela - Ambas

professoras primárias, são inovadoras na forma de ensinar as crianças, deixando para trás tempos de outras «Donas». Foram mesmo pioneiras de uma forma de ensinar - e eu fui seu aluno - justa, profissional e mesmo democrática. Parabéns. Pessoalmente, sempre que os meus professores de ciclo ou liceu, me diziam: Bem aventurado o seu professor (a)da Escola primária, ou parabéns ao professor(a)que teve na primária, eu respondia: Grato, agradecido, estou à minha professora de Admissão; Parabéns, dou, por tudo quanto me ensinou e por nunca se esquivar ao trabalho de me preparar, quer para o ensino, quer para a vida, à Exm^a Dona Ester Varela, minha professora de Admissão, que julgo ter aprendido com ela em quatro meses, mais que muitos, e eu próprio, com outros professores, em quatro anos.

Conheci «Professores», que faziam «bons alunos», daqueles que já iam ensinados, aos outros, nem cartão lhe passavam. Agora estas Senhoras com S grande, nunca se pouparam a esforços para ensinarem todos os alunos, de acordo com as necessidades de aprendizagem de cada um.

Carlos dos Santos Varela

É um grande empresário, que após encontrar o estrelado que ele próprio e com muito sacrifício soube criar, não esqueceu as suas raízes, vindo investir na sua terra natal, dando-nos autênticos conselhos/lições sob a melhor forma de tirar proveito das terras, enveredando ao mesmo tempo pela constante busca de qualidade. Considero a sua empresa agrícola - Sociedade Agrícola Quinta de Santa Eugénia - uma universidade aberta a toda a região, onde o binómio tradição e inovação, faz reinado. Exemplos destes, mais do que segui-los, devemos apoiar-los.

Nesta ainda curta história da sua empresa agrícola, já teve o reconhecimento público da qualidade dos seus vinhos, quer "Vinho do Porto", quer "V.Q.P.R.D.", quer "Vinho Espumoso", ganhando várias medalhas de ouro

...se logo na escolha do terreno, prosseguindo depois pela melhor
melhores castas, da altitude aconselhada para produção do mosto
, acompanhamento permanente do evoluir da cultura - grau de
maturação, teor de açúcar, capacidade fermentativa, etc. - , combate de doenças/pragas, até à escolha da rolha e
do vasilhame.

.Professor José Manuel Vilela Varela



Professor de Filosofia, é uma autêntica «enciclopédia», mas, quase permanentemente aberta e ao dispor do Povo.
É vê-lo irradiando a maior das felicidades, sempre que se apercebe que está a contribuir para o avanço destas
gentes. Devemos afirmar, antes que nos esqueçamos, que ele trava essa profilaxia há muitos e longos anos. Há
sem duvida pessoas - embora raras - que nascem não sei com que bichinho, que só lhes puxa para fazerem bem.
Julgo poder até dizer, que isso é a sua maior felicidade. Eu nunca me cansaria de o ouvir, cada conversa com ele
equivale a muitas horas de estudos/experiências, com a vantagem de não acontecerem erróneas interpretações ou
deturpados conhecimentos que o nevoeiro da minha ignorância pode ocultar. Cada «discussão» com ele, é uma
viagem à terra do conhecimento, sem medo do «Pecado original».



José Nogueira dos Reis



..José Nogueira dos Reis



..Homem de elevada filantropia, contribuiu fortemente para o desenvolvimento cultural das gentes desta freguesia ó desde os jovens, aos adultos ó homem de um só character, de um só ser, fosse qual fosse a fase da vida por que estivesse a passar. Foi fundador e Co ó fundador de todas as associações culturais, de solidariedade, associativas, desportivas e/ou recreativas. Refundou o teatro, deu educação a adultos, foi promotor cultural, fundador (nesta freguesia) do partido socialista, tendo contudo, sempre presente o desenvolvimento, independência e afirmação destas gentes. Homem de uma simplicidade fora do comum, aparecia e desaparecia, quase sem se dar por ele!!. Pessoa sempre pronta a compartilhar o seu conhecimento, nunca se esquivou a dar uma boa e útil informação, a procurar ele próprio informar-se para informar. Fruto do seu avanço, quer para a época, quer em relação aos seus conterrâneos, trilhou caminhos amargos, que só a ele prejudicaram, mas, que lhe serviram de ensinamento para segurar a queda de outros. Julgo mesmo, que o seu maior inimigo, foi o seu avanço. Para se saber um pouco mais de este«SENHOR», VISITEM OS SEUS SITES, dêem uma vista de olhos em - JNRSANTAEUGENIA.TRIPOD.COM onde têm as respectivas Hiperligações

 Só estou bem comigo próprio quando me exprimo com uma única cara.

 Ás vezes agrado às pessoas, outras vezes não, mas a mim agrada-me ser eu mesmo.

 Para além de simplesmente célebres, os que passo a enumerar, são:

Filhos)"



Já Falecidos:



Era o «Tio Artur» - meu avô Paterno - chamavam-lhe assim (seu nome, era: Artur Coelho dos Reis;



Era o «Zé do Carvalhal» - meu avô Materno e meu Padrinho - chamavam-lhe assim (seu nome, era: José Augusto Nogueira);



Era o Senhor «Francisco da Prudência» - chamavam-lhe assim (seu nome, era: Francisco Henrique Novo);



Era o Senhor «Santos Melo» - Chamava-se Manuel José Guerra Santos Melo - , avô Materno de meus filhos. Única Família com capela particular. A ele se referia a célebre expressão popular, "Eu é que mando, quem paga é o Senhor Santos";




Era o Senhor Hilário - Seu nome, era: Hilário Areias - , a ele se atribui a célebre expressão popular, "Quem não sabe cala-se";



Era a Dona Rosinha ó Que Santaí - , proprietária da «pensão particular» onde estive hospedado, quando estudei em Vila Real;



Era o Senhor Cunha - seu nome, Manuel de Almeida Cunha - , Enfermeiro-médico de toda a população de Santa Eugénia - , a ele se atribui a hiperbole, "Encontrei mais de cem (100) bagos de azeitona no papo de uma (1) perdiz;  Era o «Zé L'ipio» - chamavam-lhe assim (seu nome, era: José Alípio da Cunha Cardoso);



Era o Senhor «Manuel Lousada» - chamavam-lhe assim (seu nome, era: Manuel João Varela) - .




Felizmente ainda vivos




O Filho do Tabelas -

António Martinho, Governador Civil de Vila real



- Já não lhe chamam tanto assim - Seu nome, é ANTÓNIO ALVES MARTINHO - sua marca pessoal extravasa já para fora desta Freguesia, deste Concelho e desta Distrito;
- O Zé Man'el - Chamam-lhe assim - José Manuel Vilela Varela, Professor de Filosofia - , uma autêntica enciclopédia à disposição do povo;
- O Man'elzinho - Chamam-lhe assim (Seu nome, Manuel Augusto Henrique Magalhães) - Gerente da Companhia de Seguros Zurich, em Vila Real - ; A  Menina Ester - chamam-lhe assim. Seu nome: Dona Maria Ester Varela - minha professora de Admissão.
- É o «Gaspar» - meu primo carnal - , chamam-lhe assim. É funcionário na Administração de Finanças - Porto.
- É o Senhor Manuel Martins ó Seu nome - , filho da Dona Rosinha; Foi Gerente da Companhia de Seguros Zurich em Vila Real.
- "Não quero deixar passar a oportunidade de aqui referir que mesmo os primeiros continuam a viver, porque recordados."
- Todos, mas mesmo todos (a) estes meus amigos, admiro pela sua coragem, honestidade, lealdade, inteligência e filantropia. São uma marca gravada em mim por dentro, uma contínua e permanente referência na minha vida, um exemplo.
- Pessoas com quem convivi - menos do que sempre desejei - , que tive a Fortuna de conhecer, com quem aprendi - sempre mais do que previ - , desde a Ética à Moral, desde A Psicologia à História, passando pela Filosofia, desde a Matemática à Geografia, passando pela Língua de Camões, desde a Teoria à Prática, passando por contextos reais de vida.
- De quase todos, recordo sorrisos, sorrisos lindos, francos e transparentes, que não raras vezes poisavam os olhos nas minhas inquietações e me diziam: "Ó Zé, por vezes és tão ingénuo."

nos tempos difíceis - duas guerras mundiais, duas civis, trabalho de escravatura;  E também nos tempos aparentemente mais fáceis, também recorde nalguns deles, as horas, os dias, as semanas, meses... anos de resistência, tortura, etc.

● Recorde - em quase todos - , a capacidade de dizer não, de se opor, de dizer abertamente, não concordo e explicar porquê, de incomodar. A capacidade de reconhecer que, enquanto seres vivos, não podiam deixar de reflectir, de aprender, de conjugar a vida com a incomodidade de serem incómodos, de serem diferentes e audazes.

● Recorde em todos eles a simplicidade de defenderem a verdade em que acreditavam e acreditam, sem pensarem em elogios e ou recompensas.

● ● Particularmente a si Doutor Martinho,



António Martinho, Governador Civil de Vila real

● ● a ti Primo António (Gaspar)

● ● a ti Zé Manuel

● e a

● ● ti Magalhães, havemos de almoçar juntos - um dia destes - e voltar a conversar.

Amigos, sereis recordados.

• Ouvirei os ecos das vossas vozes, o vosso exemplo de cidadania, de elevado profissionalismo - bem raro nos dias que correm - e de pura amizade.

• Até lá, com a graça da inteligência, um grande abraço.

De:

• José Nogueira dos Reis - Rua da Barreira, 12 Santa Eugénia 5070-411

.População

Habitantes-511

Residentes - HM-410-H-191,(com mais de 18 anos);

Eleitores inscritos: 435 (compreendidos entre os n.º 3 e 725);

Famílias-191

Alojamentos-223

Edifícios-215

No reinado de D.Sancho II, Santa Eugénia, fazia parte do concelho de Alijó;

Em 1258, nas Inquirições de D.Afonso III, Aparece no concelho de Murça.

Em 1269, D.Afonso III, ao confirmar o foral de seu irmão, dado a Alijó, ainda inclui de forma condicional,

A verdade é que no recenseamento de 1530, (reinado de D.João III), Aparece no concelho de Murça. Só regressou a Alijó com a reforma administrativa de 1853.

.População e sua distribuição por sexos

Actualmente, St^a Eugénia, tem cerca de 520 habitantes, dos quais 410 são nela residentes; Assim distribuídos por sexo: Homens - 191 ; Mulheres - 219

.População existente em 1801

Em 1801, segundo consulta efectuada na Biblioteca Municipal de Vila-Real, já existiam 618 habitantes em 118 edifícios, dos quais, 265 eram do sexo feminino.

Em 1849, existiam 417 habitantes em 140 fogos (edifícios, melhor, famílias).

.População existente em 1530

No recenseamento de 1530 - mandado fazer por D.Sancho II - Santa Eugénia aparece com oito (8) Famílias; A título de exemplo, refira-se que Pegarinhos só aparece com Três (3) Família neste mesmo recenseamento.

.Desenvolvimento Económico



ção de vinho do porto, moscatel, consumo, champanhe e Azeite. io de benefício; a indústria de transformação de azeitona, também tem significado. A «», empresa agrícola, dedicada à produção, transformação e comércio, é a maior produtora de riqueza, oferta de mão-de-obra e desenvolvimento técnico. Pela sua capacidade de inovação, predisposição para a ciência, sucesso e novas práticas adaptadas ao tradicional, é um caso a ter em conta, um exemplo a seguir, e, julgo que deveria ser divulgada e apoiada pelas instituições com responsabilidades governamentais, apresentando-a como «modelo» de práticas a seguir; Estou convencido de que é com medidas assim, mostrando e aconselhando o que há de bom, que esta região se desenvolve. A «Sociedade Agrícola Quinta de Santa Eugénia», está sedeadada no Largo da Fonte, com o tel. 259646174

Casais agrícolas de maior dimensão, e, conseqüentemente, de maior utilização de mão-de-obra: Casal «Santos Melo», casal «Malheiro», «Casa agrícola», «Reconco», «Herdeiros de Dr.Ernesto Morais ou Dona Maria da Hora Teixeira de Carvalho».

Desenvolvimento e Turismo



O turismo, só está a dar os primeiros passos na região duriense. É uma certeza o seu sucesso futuro. Este «atraso», teve inconvenientes e benefícios. Os inconvenientes reflectem-se ao nível da conseqüente menor riqueza adquirida, duma menor rede de infra-estruturas hoteleiras, viárias, de comunicação, etc.

Os benefícios, reflectem-se na «virgindade» das suas terras, paisagens, costumes, etc. Pode hoje investir-se no turismo de uma forma mais consciente, sem, como aconteceu em tantos sítios, destruir tudo à sua volta, desde o ambiente ao ar, desde as paisagens à água.

Contudo, aqui em Stª Eugénia, o turismo, especialmente o Turismo Rural, é já uma realidade.

Acção Social



nta Eugénia, com sede na rua da Veiga, n.º10. Telefone:

259645261.

Também presta apoio domiciliário, e as crianças da Pré-primária, vão para lá, depois das 16.00horas

Presidente da Direcção - Manuel Carlos Pereira

Sou sócio fundador

Turismo

Turismo

Café Areias - Largo do Cruzeiro, n.º20. Telefone: 259645035; Café Grande Ponto - Rua Central, nº1 - Telefone: 259646214; Café Cruzeiro ó Largo do Cruzeiro; Turismo Rural Reconco - 259645311. O admirador e apreciador do que de melhor tem este lugar paradisíaco, que pretender pernoitar em Stª Eugénia, apreciar devidamente os seus manjares, saborear as suas delicias, confraternizar nas suas festas, deixar-se envolver pelos seus famosos «néctares», conhecer por dentro as suas lendas, mitos e tradições, sentir na alma a força dos seus costumes, pode fazê-lo na quinta do Reconco, onde o espera um atendimento simples mas personalizado, podendo usufruir das suas instalações, que comportam uma suite, cinco quartos, uma sala de refeições, uma sala de estar, uma sala de bilhar, uma piscina, um court de ténis, aquecimento central e televisão em todos os quartos. Neste local, podem ser apreciados todos os pratos típicos e regionais, degustados os petiscos destas paragens, saboreados os seus bolos, toda a sua rica doçaria, a enorme variedade do seu «fumeiro». Tudo isto pode ser acompanhado dos melhores vinhos, vendo directamente quer as vinhas que os produzem, quer o efectuar dos granjeios, quer, se for época disso, a sua laboração.

Nos cafés referidos anteriormente, pode também apreciar toda a espécie de bebidas, divertir-se com os tradicionais jogos transmontanos-durienses, no mais fraterno sadio e alegre convívio.

Desporto, Saúde, Recreio e Lazer



Desporto



Outrora, fruto de uma intensa actividade, com enorme orgulho e palmarés, encontra-se hoje, porém, sem qualquer actividade, e, diria mesmo votado ao abandono Apesar de no corrente ano e já de algum tempo a esta parte, não haver prática de nenhum desporto em Santa Eugénia, já existiram no passado algumas modalidades nesta Freguesia, a saber: Futebol de onze ó com o Grupo Desportivo, Cultural e Recreativo a figurar durante algum tempo na tabela da 2ª Divisão Regional ó Zona Norte. Futebol de 5 ó com organização de vários torneios maioritariamente para os jovens e durante o verão, com várias participações de algumas equipas em competições organizadas em Alijó, no Pavilhão Gimnodesportivo, e, por último Atletismo onde chegaram a existir na Freguesia vários atletas que, apesar de não pertencerem ou estarem filiados em clube algum, tiveram várias participações em algumas provas Distritais e Regionais, sem no entanto obterem grandes resultados.

Assim, não havendo nos dias de hoje, nenhum desporto na Freguesia, existem no entanto os equipamentos que podem possibilitar a prática de alguns. Esses equipamentos são. UM (1) campo de futebol pelado mas com os respectivos balneários; um (1) polidesportivo a céu aberto que foi cedido ao Grupo Desportivo pela Junta de Freguesia; por fim, a sede desta mesma colectividade ó G.D.C.R.- que apesar de não estar equipada convenientemente para actividades desportivas, pode por ser bastante ampla, possibilitar a prática de vários desportos, para além de já possuir mesas de Ténis de mesa e Bilhares.

Quero acrescentar, que o desporto, principalmente o futebol, era um factor de enorme orgulho destas gentes. É vê-los, com um exuberante brilho nos olhos, quanto relatam feitos e resultados de outrora.

Com que alegria nos narram, que foram Campeões sem derrotas do I.N.A .T.E.L. distrital. Julgo que o futebol, é um factor de fixação dos nativos desta aldeia, e, não entendo como foi possível o seu enterro (não consigo apelida-lo de outro nome).

Eu, José Nogueira dos Reis, fui Co - fundador do «Centro Cultural e Recreativo» e co-fundador do actual «Grupo Desportivo Cultural e Recreativo». Director desportivo atleta, sou natural e residente, sei o sentir e o sofrer desta gente, pelo «enterro»(não posso apelidá-lo de outra coisa), do seu (deles e meu)querido e distrainte futebol. Pouco têm, os residentes desta aldeia, que lhe permita passar com o mínimo de alegria, os feriados e Domingos. Se não forem à «bola», só se forem emborrachar-se!!!

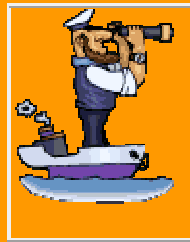
Não lhe destruam o pouco que têm, e, não abalem o seu orgulho. Por favor, dêem-lhe mais, não lhe

Nunca se esqueçam que cada emigrante é uma luz que se apaga na iluminação criadora de riqueza do seu país.

.Saúde

A cargo da Extensão de saúde de Santa Eugénia, situada nas imediações do Grupo Desportivo. Telefone: 259646188.

.Recreio



É bastante intenso, quer praticado neste próprio local, quer procurado noutras paragens; esta gente trabalhadora, é também votada ao divertimento e ao «bom viver».

.Lazer



Sendo as férias uma preciosidade rara, só ao alcance de uns poucos, não obstante o seu merecimento, é aos «Fins-de semana», que se torna mais acentuado, procurando essencialmente piscinas e rios, essencialmente no período de verão. A caça, ocupa-lhe uma boa parte do se lazer.

Tradições



Provérbios, religião, cantares, cultos, lendas, etc. com tradição em todo o «Douro» e «Trás-os-Montes», têm também aqui forte tradição e significado.

.Lendas



Específica de St^a Eugénia ó Esta aldeia, tem um «Topónimo», e, uma «Padroeira», distinta do topónimo, porquê?

Reza a lenda, que o topónimo, deriva do grego:

.Santa Eugenia

.EUGENIA

EugeneioV, eugeneia (eugéneos, eugénea) es un adjetivo griego del que derivan los nombres de Eugenio y Eugenia, y significa bien nacido, bien nacida, de buen linaje, de buena índole, noble. Fue en griego y sigue siendo en sus traducciones, uno de los mejores elogios que se suelen hacer de una persona. Con él se expresan las cualidades innatas, las que forman parte de la naturaleza de cada uno, aquellas con las que ha nacido. El prefijo eu (eu) significa "bien", y geneioV (géneos) geneia (génea) significa "engendrado, engendada"; con lo que el significado primitivo de este nombre es "bien engendada". Se utilizó mucho, no sólo en el griego clásico, sino también en la coine como sobrenombre elogioso, designando especialmente la nobleza de espíritu, y de ahí pasó a convertirse en nombre propio cuya fuerza y belleza seduce a cuantos conocen su significado.

Santa Eugenia mártir de los primeros tiempos de la Iglesia. Su culto estuvo muy extendido desde los primeros siglos. La patrística cita el dístico que desde el siglo IV figuraba en la iglesia de san Avito: Eugeniae dudum toto celeberrima mundo / fama fuit, dum dat Christi pro nómine vita. (La fama de Eugenia fue célebre en todo el mundo porque dio la vida por el nombre de Cristo.) Con ser tan grande su celebridad, son escasos los datos biográficos que de ella se conservan. Cuenta la tradición que era Eugenia hija de Felipe, el prefecto de Alejandría que luego fue obispo de esta ciudad y sufrió el martirio. Cuenta asimismo que los santos Proto y Jacinto, que también sufrieron martirio, eran esclavos suyos. Fue ella misma quien les transmitió la fe en Cristo. También ella sufrió persecución y fue sometida a suplicio y muerte detrás de sus esclavos.

Las Eugenias celebran su onomástica el 11 de septiembre; pueden optar también por celebrarla el 3 de

Comemora el martirio de santa Eugenia de Arica, el 20 de marzo, conmemoración del martirio de santa Eugenia de Córdoba (Marmolejo), víctima de la persecución sarracena el año 923. En cuanto a la forma masculina de este nombre, ha sido también sumamente apreciada: dieciocho santos, entre ellos cuatro papas, lo llevaron. Se llamaron también Eugenio un emperador romano, siete reyes de Escocia y varios príncipes de casas europeas. Pero nadie como la emperatriz Eugenia dio lustre a este nombre. Nació en Granada (1826) y murió en Madrid en 1920. Vivió casi un siglo. Fue emperatriz de los franceses. Su apoyo al proyecto del canal de Suez fue decisivo.

Es el de Eugenia un nombre lleno de fuerza, que emana de su propio significado. Los nombres, como creían nuestros antepasados, tienen cada uno su propia virtud, y actúan como un talismán. El de Eugenia sabemos en qué dirección actúa: empuja a quienes lo llevan a ser coherentes con su nombre y a cultivar la nobleza de espíritu, la magnanimidad, la confianza en las propias fuerzas y toda la virtud que emana del mismo nombre; fuerza y virtud que han ido incrementando cada una de las grandes mujeres que lo han llevado. Por ello las Eugenias pueden legítimamente sentirse orgullosas de su nombre y llevarlo como salvaguarda de la nobleza de espíritu que con él pregonan. ¡Felicidades !

E a Padroeira, de uma «Lenda»!???

Santa Eugénia, desde muito cedo que resolveu entregar o seu coração a Jesus Cristo, não pretendendo, assim, entregar-se a nenhum homem; Ora, em virtude dessa vontade

Diz-se, que «Santa Eugénia» - Orago desta freguesia - , costumava ser, injusta, brutalmente, e, mesmo «brutamente», castigada por seu pai; de tal forma que uma certa vez, ele se dirigiu para a filha, com o determinado propósito de a partir ao meio com um «machado». Deus, acudindo em defesa de Eugénia, no momento preciso em que o pai ia a desferir o mortal golpe, enviou um raio de trovão. «Barbara, apercebendo-se do acontecido, pediu a Deus que lhe perdoasse. Então, o raio, apenas desfêz o machado em mil pedaços, poupando o «carrasco». A partir daí, «Barbara», passou a ter domínio sobre as trovoadas. Devido a tal facto, as gentes deste local, entregaram o seu coração a «Eugénia», dando-lhe o nome da sua morada; a sua protecção, a «Barbara», que segundo eles, ainda hoje os vigia e protege do alto do monte com o seu nome (Cabeço de Santa Barbara).

Artesanato



Outrora rico e variado, está hoje, contudo, praticamente extinto.

Existe ainda Ferraria, Trabalhos de carpintaria, Barbearia, Costureiras e costureira-alfaiate.

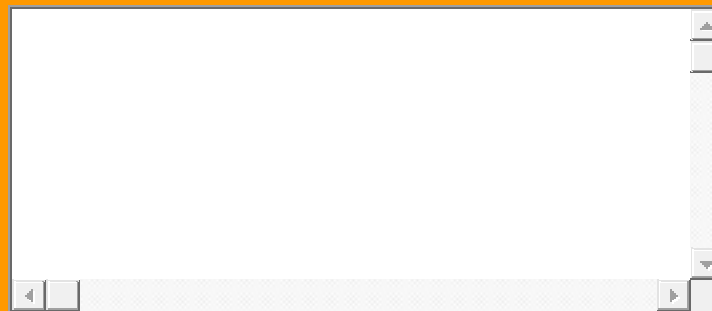
.Brinquedos Tradicionais:

«A carroça»

Para enviar os comentários, proceda assim:

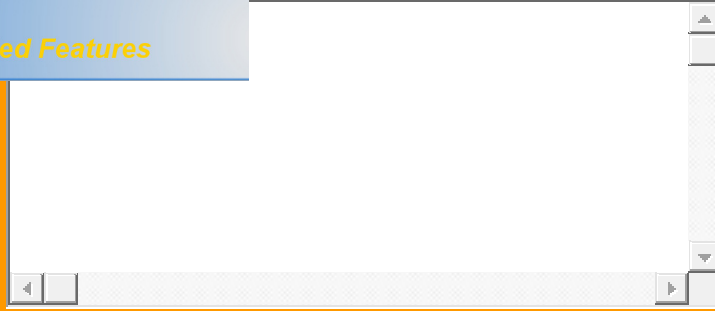
1- Escreva-os; 2- Seleccione-os, 3- Copie-os; 4- Clic no Correio electrónico, ou [Aqui](#); 5- Cole-os onde escreveria uma mensagem; 6- Envie-os.

Comentários a este historial



Comentários a outro tema

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)



Data Ano /Mês /Dia

Assinatura

.Autor

José Nogueira dos Reis



Email: <mailto:zereis0@gmail.com>



*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[*Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features*](#)